

Um convite ao início do trabalho: é assim que podemos definir este livro, que se propõe a tratar do espinhoso trecho da formação do analista que são os primeiros passos da prática clínica. Espinhoso, pois se dá num campo no qual o aspecto teórico representa apenas uma parte do tripé, e que, portanto, não pode ser desvinculado da experiência clínica (seja ela com pacientes ou a própria análise). Não há saber a priori e nem manual de instruções. É preciso abrir as picadas do próprio caminho.

Trata-se de um livro escrito por diversas autoras, e organizado por Clara Regina Rappaport. As autoras são analistas de São Paulo, de abordagem lacaniana, cada uma delas de alguma maneira engajada com a formação em diversos contextos, que incluem a universidade e o serviço público. O livro pretende oferecer ferramentas para uma aproximação com a clínica, dirigindo-se especialmente para alunos de últimos anos de graduação em psicologia e recém-formados; surge em resposta às questões e angústias trazidas pelos alunos no contexto de supervisões clínicas: "nestes momentos, ao fascínio exercido pela psicanálise se contrapõem profundos sentimentos de inadequação e despreparo pessoal, conceitual e técnico." ¹ Cabe, então, a questão: a partir de que instrumentos se responde a estas angústias, considerando as peculiaridades da formação e da transmissão em psicanálise?

O livro percorre diversos temas da clínica, tais como as entrevistas iniciais, as estruturas clínicas, o psicodiagnóstico e o tratamento de crianças, encerrando com um capítulo sobre o tema do

O início da prática clínica: uma primeira aproximação

Resenha de Clara R. Rappaport (org.)
Psicanálise: Introdução à Praxis, Freud e Lacan. São Paulo, E.P.U., 1992. 171p.

pagamento. Mas, ao mesmo tempo, procura retomar um pouco da história da psicanálise; há um capítulo biográfico sobre Lacan e também uma pequena biografia de Freud no capítulo introdutório. Os diferentes artigos trabalham no que uma das autoras define por "intertextualidade Freud-Lacan"; ² podemos entender esta expressão como uma retomada dos conceitos freudianos através da leitura trazida por Lacan, o que necessariamente inclui os novos aportes introduzidos por este autor.

Clara R. Rappaport, no capítulo introdutório, nos lembra que Freud havia demonstrado relutância e ceticismo quanto à publicação de textos técnicos, devido à complexidade da prática analítica; esta envolve fatores tais como a personalidade do analista, que são variáveis demais para serem submetidos a regras rígidas e uniformes. Ele não deixou de insistir no fato de que um domínio apropriado do assunto viria através da experiência clínica com pacientes e da própria análise. Nesta perspectiva, Rappaport levanta questões que não são apenas preliminares, pois norteiam o tipo de leitura que se

pode propor de textos técnicos, bem como a compreensão que se pode ter da prática clínica do analista em formação. "Assim, os artigos sobre técnica, ou quaisquer outros escritos que pretendam apresentar ou sistematizar condutas norteadoras da clínica psicanalítica, devem ser tomados como condição orientadora inicial, como ponto de referência para a apreensão da terapia psicanalítica." ³

Através de pequenas citações instigantes, esta autora busca despertar o leitor para alguns conceitos básicos ligados ao nascimento da psicanálise, assim como também para o estilo de seu fundador. Recomenda leituras, bem escolhidas para uma abordagem introdutória. Utiliza ainda, em alguns momentos, um estilo coloquial que parece buscar conquistar o leitor de pouco fôlego para ques-

tiões teóricas; o retrato de um Freud-personagem fascinante e admirável que o texto transmite parece buscar, em um mesmo sentido, cativar o interesse daquele que se inicia na leitura de Freud. Outro tema brevemente abordado por Rappaport, ainda na introdução, é o do ensino no Brasil. Discorrendo sobre questões político-ideológicas, aponta os limites do ensino universitário, os problemas da psicologia como ciência, e marca a distinção entre psicologia e psicanálise.

Seguem-se então os capítulos do livro que desenvolvem, partindo deste espírito inicial, temas específicos relacionados principalmente com a clínica.

Rappaport, no primeiro destes capítulos, apresenta o tema das entrevistas iniciais. Exemplificando com trechos de sessões, especialmente das primeiras sessões do processo psicanalítico, aborda a questão do pedido de análise. Utilizando, aqui, o referencial lacaniano, observamos como a sua preocupação com o rigor formal acaba por predominar sobre o esforço de uma maior clareza didática.

Na biografia de Lacan apresentada por Rosely F. S. Pennacchi, a ênfase é dada ao clima cultural no qual emerge sua obra. Sobressai no texto a figura de Alexandre Kojève, e a influência deste na leitura que Lacan faz de Hegel. A autora lembra com Roudinesco que "Lacan é para Freud o que Kojève é

para Hegel - o intérprete de um texto. Lacan se identificará com o personagem Kojève para ressuscitar a visão subversiva e iniciática da descoberta vienense.⁴ Pennacchi encerra o apanhado histórico/biográfico discorrendo sobre as relações de Lacan com as instituições psicanalíticas, um tema que ainda faz pensar.

Temos, em seguida, dois capítulos que desenredam a teoria e a clínica, ora esmiuçando e ora articulando didaticamente os conceitos. No primeiro, Sara E. Hassan trabalha as estruturas clínicas, e no segundo Carmen S. Molloy escreve sobre o diagnóstico e o tratamento de crianças. Estes textos realizam a difícil tarefa de apresentar de maneira didática o arcabouço teórico lacaniano que referencia a clínica.

Hassan enfatiza a importância da formalização no tratamento que Lacan dá ao tema das estruturas; trabalha com os conceitos de sujeito e objeto como via de abordagem das estruturas, dirigindo-se a uma discussão sobre os registros real, simbólico e imaginário. "No ponto de partida para compreender a estrutura em psicanálise, está a estrutura do estruturalismo. De saída, está a idéia de buraco: o buraco do real."⁵ Trata, pois, das questões da clínica tomando as estruturas como centro.

No segundo, Molloy pensa o diagnóstico e o tratamento de crianças, problematizando a difu-

são de modelos padronizados pela psicologia. Propõe que se leia esta questão como um sintoma a ser analisado, e não apenas como uma abordagem à qual devemos nos contrapor. Afirma que esse método de ensino da clínica de crianças, freqüentemente utilizado na transmissão e na prática acadêmica, funciona como uma cartilha que ensina mas deixa escapar o essencial: "... produz uma exclusão total da subjetividade."⁶ O eixo de sua abordagem são os conceitos de inconsciente e transferência, a partir dos quais discute o problema do sintoma na criança. Ao mesmo tempo em que apresenta conceitos ligados à clínica com crianças, analisa as práticas correntes da chamada "ludoterapia", aponta os riscos da padronização, e encerra, em um tom "iúdico", com uma advertência espirituosa: nas receitas de bolo, o sujeito acaba frito.

O último capítulo, escrito por Ana Maria R. da Costa, aborda a questão do pagamento na clínica psicanalítica. "Nada há de mais caro que a vida. Procura-se uma análise quando algo acontece, impossibilitando-a. Uma psicanálise é cara porque caras são as coisas da vida."⁷ Trabalhando com os conceitos de desejo e de gozo, retoma o significado do pagamento (e não do dinheiro) enquanto elemento constitutivo do dispositivo analítico, ligado às condições da cura. Assu-

me aqui uma posição que gera polêmica, e a defende com precisão.

O livro tem o mérito de proporcionar uma reflexão sobre as "identificações" na formação do analista. Embora não trate diretamente desta questão, ela se faz notar na forma de apresentação do texto, na sua linguagem e nas questões que privilegia. Refiro-me aqui ao estilo coloquial de Rappaport, à proposta na apresentação do livro de um partilhar de "fragmentos das vivências das autoras", e também ao espaço e sentido dado às biografias. Estas são apresentadas não apenas para uma contextualização histórica, mas principalmente para por em questão o aspecto pessoal implicado na obra, os "romances familiares", como muito bem sugere Pennacchi.

Outro mérito do livro, a meu ver, é o esforço nele presente de realizar a passagem da clínica e da docência à escrita, tão necessária em termos da produção nacional em psicanálise. Do ponto de vista de sua qualidade formal, no entanto, o texto apresenta alguns problemas. Em diversos trechos, observamos que esta "passagem" para a escrita não está adequadamente realizada, considerando-se as características próprias desta forma de expressão.

Cada autora atinge o leitor em seu estilo: Rappaport pelo tom coloquial, como se estivéssemos em uma sala de aula ou em uma supervisão, Molloy e Hassan pelo trabalho didático com os conceitos, e Costa com colocações provocativas e enigmáticas que fazem pensar. Enfim, para aqueles que se iniciam no trabalho clínico ou para aqueles que estejam ligados ao trabalho com a formação, o livro representa um bom guia de estudos.

Aline Eugênia Camargo Gurfinkel
Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

NOTAS

1. Rappaport, Clara Regina (org). *Psicanálise: introdução à prática, Freud e Lacan*. São Paulo, EPU, 1992. p.1.
2. *Ibidem*, p.123.
3. *Ibidem*, p.17.
4. Roudinesco, E. *História da psicanálise na França*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
5. Rappaport, C. R. *Psicanálise...*, op. cit., p.89. Há aqui uma interessante referência a um artigo da *Folha de São Paulo*, 14-09-1986, de Kurt Tucholsky, intitulado "Para a psicologia sociológica dos buracos".
6. *Ibidem*, p.122.
7. *Ibidem*, p.165.